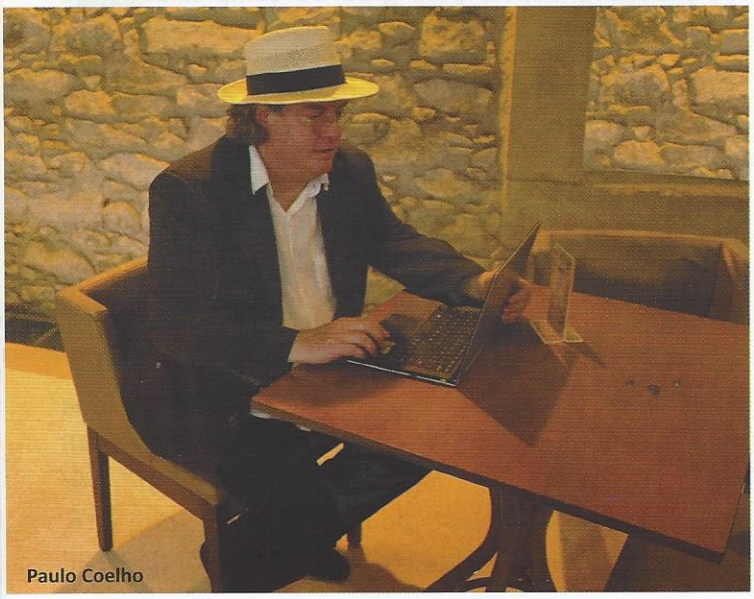
Artigo Paulo Coelho

SysPat, Propriedade Intelectual e Saúde

"Patentes adicionam o combustível do interesse ao fogo do gênio" (Abraham Lincoln)

O Brasil em 2015 produziu pouco mais de 30 mil depósitos de patentes, dos quais apenas aproximadamente 15%, ou 4640, foram de brasileiros. No mesmo período, os Estados Unidos produziram mais de 580 mil pedidos de patente, dos quais aproximadamente 50% foram de americanos. Já a China, outro membro do BRICS, no passado comparado ao Brasil, realizou por sua vez mais de 1,1 milhão de pedidos de patentes, dos quais mais de 85% dos depósitos foram de chineses. No Brasil aconteceu justamente o inverso: aproximadamente 85% dos depósitos de patentes feitos aqui foram de estrangeiros. Ou seja, estrangeiros protegendo nosso mercado para eles. Só os Estados Unidos fizeram no Brasil mais de 10 mil depósitos de patentes – mais do que o dobro dos pedidos depositados por brasileiros no nosso próprio país. Esses números revelam que há algo de errado com a maneira como lidamos com inovação, e sobretudo não refletem de forma alguma a criatividade do brasileiro.

Em termos de geração de riqueza, as indústrias intensivas em Propriedade Intelectual são responsáveis na Europa por mais de 5,7 trilhões de euros, ou aproximadamente 42% do PIB europeu. Nos Estados Unidos, esses números são da ordem de 6,6 trilhões de dólares. E essas indústrias têm mostrado ser mais "resilientes" com relação às crises, o que colabora com a estabilidade econômica.


Paulo Coelho

A baixa performance do Brasil no mercado mundial de patentes é, sobretudo, consequência do desconhecimento por parte dos brasileiros sobre como proteger e valorizar uma patente ou outros tipos de propriedade intelectual. Por exemplo, pouco se fala de propriedade intelectual nas universidades e nos cursos técnicos, e praticamente não se fala de patentes em escolas. Como resultado, além de nos apropriarmos pouco do conhecimento produzido no Brasil, frequentemente com investimento público e muitas vezes a fundo perdido, os profissionais brasileiros amadurecem sem dar a devida importância ao conhecimento que tão laboriosamente adquirem ao longo de suas carreiras. É comum vê-los em feiras e congressos revelando livremente suas ideias para empresas que muitas vezes sequer são brasileiras, sem atentar para o grande valor de mercado de suas ideias e opiniões.

Independentemente de como se justifique isso no Brasil, esse cenário contrasta com o que se passa nos principais países e blocos geradores de tecnologia no mundo. Tome-se por exemplo o depoimento de um pernambucano, Carlos Cordeiro, que hoje é engenheiro-chefe e diretor da Intel nos Estados Unidos:

"O processo de se patentear uma ideia ou invenção é muito mais simples (e incentivado) nos EUA do que no Brasil. O modelo de negócios de algumas companhias se baseia só nisso. A Qualcomm (uma das maiores empresas do setor de semicondutores, e rival da Intel), por exemplo, tem no licenciamento de patentes quase metade do faturamento dela. Em outras empresas, isso chega a 100%" (Mundo Bit, 16/10/2016)

O Papel da Saúde no cenário de Propriedade Intelectual

Dois setores têm uma responsabilidade especial na geração de propriedades intelectuais: as tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) e o setor de saúde, que é o quinto maior gerador de pedidos de patente no mundo. O setor de saúde em particular se beneficia enormemente tanto da evolução científica e tecnológica, como do contato com os

pacientes para intensificar a produção e propriedades intelectuais.

Os ganhos para o setor de saúde podem ser "two-fold":

· Na pesquisa, por aumentar a eficiência dos investimentos em P&D (Pesquisa e Desenvolvimento). Processos de P&D que não fazem comumente uso de buscas nas bases de patentes como pré-condição para a aprovação de projetos apresentam por vezes um alto volume de inversões, tanto de dinheiro público como privado, em produtos e processos já existentes e patenteados por outras instituições e empresas, sobretudo do exterior. O European Patent Office, em uma publicação intitulada "Why researchers Should Care about Patents", estima que cerca de 30% de todo gasto com P&D seja ineficiente por se estar investindo em inventos que já estão patenteados; ou seja, se está, popularmente,

"reinventando a roda". No Brasil, esses 30% equivaleriam a aproximadamente R$ 10 bilhões/ano. Por outro lado, a criação de uma cultura de patentes faz com que invenções sejam patenteadas cedo, o que lhes dá mais chances de alavancar receitas, inclusive para a própria pesquisa.

· Na prática, uma vez que tanto a utilização de equipamentos médicos como a própria criação de novas técnicas têm enormemente a ganhar com os inputs advindos da aplicação desses equipamentos e instrumentos ao caso específico de cada paciente. Esse aspecto, por exemplo, torna profissões como enfermeiras, médicos, fisioterapeutas, entre outras, extremamente ricas do ponto de vista do potencial de geração de novas tecnologias. Por vezes, pequenos detalhes na aplicação de um equipamento, instrumento ou mesmo um fármaco, podem fazer toda a diferença em termos de participação no mercado de um determinado produto.

Como implementar no setor de saúde uma cultura de propriedade intelectual?

O primeiro passo é, naturalmente, dar conhecimento aos profissionais de saúde de quão simples é depositar um pedido de patente antes da escrita e publicação de um artigo científico. Um simples checklist sobre as condições de patenteabilidade de uma ideia com seu desenvolvimento técnico não toma muito tempo e pode resultar em uma ou mais patentes.

Para que um invento na forma de um produto ou processo seja patenteável ele tem que simplesmente satisfazer três critérios:

· Novidade: o que pode ser verificado hoje na internet, sobretudo com uma consulta as bases online de patentes;

· Atividade Inventiva: a invenção não pode ser considerada para um técnico no assunto como uma simples decorrência óbvia de uma outra tecnologia existente;

· Aplicação Industrial: que a invenção pode ser implementada na indústria.

E quando depositar o pedido de patente?

Tão cedo quanto a invenção consiga satisfazer os três critérios acima. De preferência, deve-se minimizar os investimentos em pesquisa patenteável sem o pedido de patente depositado. Mesmo que a pesquisa depois demonstre a inviabilidade daquele pedido de patente, é melhor depositar e abandonar um pedido de patente, cuja taxa de depósito varia de R$ 70,00 a R$ 104,00, do que investir muito mais dinheiro e tempo de pesquisa em invenções que já foram patenteados e desenvolvidas por terceiros.

O SysPat pode ajudar muito no processo de implantação de uma cultura de propriedade intelectual em saúde. Para isso, temos a Plataforma SysPat e o Programa SysPat. A plataforma SysPat ajuda cada inventor a ultrapassar três barreiras importantes: a da escrita de pedidos de patente, a do depósito em mais de um office de patente do mundo e a da valorização, que é a colocação da invenção no mercado mundial, trazendo receitas meritórias para o seu inventor e para a instituição, seja ela hospital ou empresa da qual os inventores façam parte. O Programa SysPat, por sua vez, faz uso da plataforma SysPat e envolve trabalhos de Estruturação (criação de Políticas de Propriedade Intelectual, normativos de células de gestão de propriedade intelectual, entre outros), Formação (cursos, oficinas, capacitações, etc.) e Valorização (marketing, negociação, mediação e outros) preparados de acordo com a cultura de cada instituição ou empresa.

Em todos os casos, o grande objetivo é empoderar as pessoas criativas, otimizando os fluxos de informação e assegurando uma participação ótima da instituição, empresa ou inventor na economia do conhecimento. E isso é importante para o país, porque quem controla o conhecimento controla o mundo.